

BILHETE

Afinal a gente vai se acostumando com a escuridão da cidade; e à roitinha, quando eu saía de um bar com o poeta Vinicius, vimos que os faróis dos carros já varavam a escuridão da rua; mas lá no alto, entre o recorte dos edifícios o céu fechado de nuvens era lívido, quase verde. Parecia que a escuridão, mais pesada que a luz tinha descido sobre o asfalto, escorregando entre as paredes de cimento; mas o verão insistia em acender sua pálida luz nesse dia enfermício. Conversamos coisas átonas e vás nessa hora de melancolia urbana; mais adiante os carros faziam sua procissão neuras-tênica.

Qualquer hora eu apareço aí em S. Paulo, Pedróso; quero ver quadros e rever amigos. Aqui, de novo, acho que não há nada. Uma loja vende gravatas feitas por Portinari. Achei a idéia simpática e boa; é mesmo através da decoração e dos objetos de uso que a arte moderna pode entrar (e tem entrado, um pouco mais do que se pensa) no gosto do povo. Isso vale a concessão que ela deve fazer, para invadir a vida de todo dia. Eu gostaria de ver blusas feitas por Noemia e saias de Burtie Marx.

O SAPS inaugurou uma exposição de pintura que tem alguma coisa boa. Todos os quadros representam alimentos: são naturezas mortas com vitaminas ou proteínas. Ali pela primeira vez expõe o pintor Dorival Caymmi; fez um belo repolho. A exposição é, como se vê, especializada; não basta que a arte seja apenas figurativa é preciso que seja também comestível. Assim mesmo creio que nela caberiam alguns quadros abstratos, em homenagem aos alimentos que não há. A mostra terá seu êxito, com certeza; muita gente gostará de ver postas de carne rubras e louros montes de manteiga ainda que pintados. As donas de casa sairão dali com um olhar sonhador.

Até a vista, Pedróso.

6/12/57

R.B